O GRANDE MAR

Uma história humana do Mediterrâneo

"Épico, acessível, extremamente agradável... Uma grande realização."
Sunday Times

DAVID ABULAFIA

Copyright © David Abulafia, 2011
Publicado primeiramente na Grã-Bretanha em língua inglesa por Penguin Books, Ltd.

Todos os direitos reservados desta edição à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Great Sea

Capa
Adaptação de Marcos Davi sobre design original

Imagem de capa
Iluminura de *Tacuinum Sanitatis Codez Vindobonensis*, escola italiana, século XIV.
(Osterreichische Nationalbibliothek, Viena/Alinari/Bridgeman Art Library).

Revisão
Eduardo Rosal
Lilia Zanetti
Talita Papoula

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A15g
Abulafia, David
O grande mar [recurso eletrônico] : uma história humana do Mediterrâneo / David Abulafia ; tradução Cássio de Arantes Leite. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital
Tradução de: *The Great Sea*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
794 p. ISBN 978-85-390-0600-7 (recurso eletrônico)
1. Mediterrâneo, Mar, Região - História. 2. Civilização - História. 3. Livros eletrônicos. I. Título.
14-11156 CDD: 909
CDU: 94(100)

Material com direitos autorais

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Sumário
Dedicatória
Lista de Ilustrações
Sistema de transliteração e datação
Prefácio
Introdução: um mar com muitos nomes
PARTE UM
- 1 - Isolados e insulados, 22000 a.C.-3000 a.C.
- 2 - Cobre e bronze, 3000 a.C.-1500 a.C.
- 3 - Mercadores e heróis, 1500 a.C.-1250 a.C.
- 4 - Povos do Mar e Povos da Terra, 1250 a.C.-1100 a.C.

PARTE DOIS
- 1 - Os mercadores de púrpura, 1000 a.C.-700 a.C.
- 2 - Os herdeiros de Odisseu 800 a.C.-550 a.C.
- 3 - O triunfo dos tirrenos, 800 a.C.-400 a.C.
- 4 - Rumo ao Jardim das Hespérides, 1000 a.C.-400 a.C.
- 5 - Talassocracias, 550 a.C.-400 a.C.
- 6 - O farol do Mediterrâneo, 350 a.C.-100 a.C.
- 7 - "Cartago deve ser destruída", 400 a.C.-146 a.C.
- 8 - "Nosso Mar", 146 a.C.-150 d.C.
- 9 - Antigas e novas fés, 1-450 d.C.
- 10 - (Des)integração, 400-600

PARTE TRÊS
- 1 - Depressões mediterrânicas, 600-900
- 2 - Cruzando as fronteiras entre a cristandade e o islã, 900-1050
- 3 - A grande metamorfose, 1000-1100
- 4 - "O lucro que Deus haverá de dar", 1100-1200
- 5 - Caminhos pelo mar, 1160-1185
- 6 - A queda e a ascensão dos impérios, 1130-1260
- 7 - Mercadores, mercenários e missionários, 1220-1300

Material com direitos autorais

8 - Serrata — Fechamento, 1291-1350
PARTE QUATRO
1 - Candidatos a imperadores romanos, 1350-1480
2 - Transformações no Ocidente, 1391-1500
3 - Ligas santas e alianças profanas, 1500-1550
4 - Akdeniz — a batalha pelo mar Branco, 1550-1571
5 - Intrusos no Mediterrâneo, 1571-1650
6 - Diásporas em desespero, 1560-1700
7 - Encorajamento para os outros, 1650-1780
8 - A visão pelo prisma russo, 1760-1805
9 - Deis, beis e paxás, 1800-1830
PARTE CINCO
1 - Quando Ocidente e Oriente se encontram, 1830-1900
2 - Os gregos e os não gregos, 1830-1920
3 - A saída otomana, 1900-1918
4 - Um conto de quatro cidades e meia, 1900-1950
5 - Mare Nostrum — Outra vez, 1918-1945
6 - Um Mediterrâneo fragmentado, 1945-1990
7 - O último Mediterrâneo, 1950-2010
Conclusão: atravessando o mar
Leitura complementar
Notas
Caderno de Fotos

Material com direitos autorais

a la memoria de mis antecesores

Material com direitos autorais

Lista de ilustrações

1. – Mnajdra, Malta (akg-images/Rainer Hackenberg)
2. – A "Dama Adormecida" (Museu Arqueológico Nacional,Valletta, Malta. Fotografia: akg-images/Erich Lessing)
3. – Figura cicládica, *c.* 2700 a.C., coleção privada grega (Heini Schneebeli/The Bridgeman Art Library)
4. – Cabeça feminina, Período Cicládico II Inicial, *c.* 2700-2400 a.C. (Musée du Louvre, Paris. Fotografia: Giraudon/The Bridgeman Art Library)
5. – Vaso de polvo de Cnossos, *c.* 1500 a.C. (Museu Arqueológico de Heraclião, Creta, Grécia. Fotografia: Bernard Cox/The Bridgeman Art Library)
6. – Afresco *c.* 1420 a.C. da tumba do vizir do faraó, Rekhmire, Alto Egito (Mary Evans/Interfoto)
7. – Afresco de Acrotiri, Thera, século XVI a.C. (akg-images/Erich Lessing)
8. – Máscara de ouro de Micenas, *c.* 1500 a.C. (Museu Arqueológico Nacional, Atenas. Fotografia: akg-images/Erich Lessing)
9. – Antiga face filisteia de argila de um sarcófago, Beth She'an, norte de Israel (Israel Museum (IDAM), Jerusalém. Fotografia: akg-images/Erich Lessing)
10. – Vaso de guerreiro do século XII a.C., Micenas (Museu Arqueológico Nacional, Atenas. Fotografia: akg-images)
11. – Friso do templo de Madinat Habu no Alto Egito (akg-images/Erich Lessing)
12. – Inscrição fenícia, Nora, sul da Sardenha (Roger-Viollet/Topfoto)
13. – Estela, Cartago, *c.* 400 a.C. (Roger Wood/Corbis)
14. – Modelo de um navio fenício (Museu Arqueológico Nacional, Beirute. Fotografia: Philippe Maillard/akg-images)
15. – Moeda de prata fenícia (Museu Arqueológico Nacional, Beirute. Fotografia: akg-images/Erich Lessing)
16. – Vaso Chigi, encontrado perto de Veios, *c.* 600 a.C. (Museo Nazionale di Villa Giulia, Roma. Fotografia: akg-images/Nimatallah)
17. – Painel dos portões de bronze do palácio real assírio, Balawat, *c.* século IX a.C.

Material com direitos autorais

(Musée du Louvre, Paris. Fotografia: akg-images/Erich Lessing)
18. – *Kylix* de Dioniso, fim do século VI a.C. (Staatliche Antikensammlung & Glypothek, Munique. Fotografia: akg-images)
19. – Afresco de Tarquínia, fim do século VI a.C. (akg-images/Nimatallah)
20. – Alfabeto de Marsiliana, Etrúria, século VII a.C. (Museu Arqueológico de Florença. Fotografia: akg-images/Album/Oronoz)
21. – Tabuleta de ouro, Pyrgoi, fim do século VI a.C. (Museo Nazionale di Villa Giulia, Roma. Fotografia: akg-images/Nimatallah)
22. – Elmo-pote estrusco (The Trustees of the British Museum)
23. – Torre de Orolo, Sardenha (akg-images/Rainer Hackenberg)
24. – Barco de bronze sardo, *c.* 600 a.C. (Museo Archeologico Nazionale, Cagliari. Foto: akg-images/Electra)
25. – Busto de Periandros (Museu do Vaticano)
26. – Busto de Alexandre, o Grande (Print Collector/Heritage-Images/Imagestate)
27. – A "Dama de Elche" (ullstein bild — United Archives)
28. – Busto de Serápis (akg-images/ullstein bild)
29. – Moeda de Melqart cartaginesa (The Trustees of the British Museum)
30. – Moeda de Nero de bronze (The Trustees of the British Museum)
31. – Moeda de Cleópatra (The Trustees of the British Museum. Fotografia: akg-images/Erich Lessing)
32. – Moeda de Nero marcando o término do porto em Ostia (The Trustees of the British Museum)
33. – Relevo de quinquirreme romana, Praeneste, atual Palestrina (akg-images/Peter Connolly)
34. – Afresco de um porto próximo a Nápoles, possivelmente Puteoli (Museo Nazionale Archeologico, Nápoles. Fotografia: akg images/Erich Lessing)
35. – Mosaico do século VI da frota bizantina em Classis, da basílica de Sant'Apollinare, Ravena (akg-images/Cameraphoto)
36. – Cornija da sinagoga em Ostia, século II (Fotografia: Setreset/Wikimedia Commons)
37. – Inscrição da sinagoga em Ostia (akg-images)
38. – Painel da Pala d'Oro, Basílica de São Marcos, Veneza (akg-images/Cameraphoto)
39. – Vista de Amalfi, 1885 (Archiv für Kunst und Geschichte, Berlim. Fotografia: akg-images)
40. – *Bacino* maiorcano (Museo Nazionale di San Matteo, Pisa)

Material com direitos autorais

41. – Khan al-'Umdan, Acre, Israel (Fotografia: Ariel Palmon/Wikimedia Commons)
42. – A quadriga de Veneza (Mimmo Jodice/CORBIS)
43. – Mapa do fim do medieval, segundo Idrisi (Wikimedia Commons)
44. – Portolano maiorcano, início do século XIV (British Library)
45. – Mural retratando a captura da Ciutat de Mallorca em 1229 (Museo de Catalunya, Barcelona. Fotografia: akg images/Bildarchiv Steffens)
46. – Aigues-Mortes, Carmargue, France (Foto: Bertrand Rieger/Hemis/Corbis)
47. – Gênova, conforme retratada na *Crônica de Nurembergue* de Hartmann-Schedel, de 1493 (com permissão do Master and Fellows of Gonville and Caius College, Cambridge)
48. – Dubrovnik (Fotografia: Jonathan Blair/Corbis)
49. – Tigela de Manises (Victoria and Albert Museum, Londres)
50. – Modelo votivo de um navio cargueiro, *c.* 1420 (Museu Marítimo, Roterdã)
51. – A *llotja* de Valência (Fotografia: Felivet/Wikimedia Commons)
52. – Antiga cópia manuscrita do *Consulado do Mar* (Album/Oronoz/akg-images)
53. – Retrato de Mehmet II por Giovanni Bellini (akg-images/ErichLessing)
54. – Miniatura francesa do sítio de Rodes (detalhe) (The Granger Collection, Nova York)
55. – Retrato do almirante Khair-ed-din, 1540, por Nakkep Reis Haydar (Topkapi Palace Museum, Istambul, Turquia/The Bridgeman Art Library)
56. – Retrato de Andrea Doria (Palazzo Bianco, Gênova. Fotografia: akg-images/Electra)
57. – Ilustração dos espanhóis capturando Goleta (akg-images/Erich Lessing)
58. – A expulsão dos mouriscos, 1613, por Pere Oromig e Francisco Peralta (ullstein bild — Aisa)
59. – Vitória naval veneziada sobre a Turquia em 1661, por um artista anônimo da escola veneziana (Museo Correr, Veneza. Fotografia: akg-images/Erich Lessing)
60. – O ataque contra Mahón, 1756, por um artista francês anônimo (Musée de la Marine, Paris. Fotografia: akg-images/Erich Lessing)
61. – A execução do almirante Byng, *c.* 1760, escola britânica (National Maritime Museum, Greenwich, Londres)
62. – Retrato do almirante Fyodor Ushakov por um artista anônimo do século XIX (Museu Naval Central, São Petersburgo. Fotografia: akg-images/RIA Novosti)
63. – Retrato do almirante Samuel Hood, 1784, por James Northcote (National Maritime Museum, Londres/The Bridgeman Art Library)

Material com direitos autorais

64. – Retrato de Ferdinand von Hompesch por Antonio Xuereb (atrib.), Palácio Presidencial, Valletta (Malta) (Foto e cortesia: Heritage Malta)
65. – Retrato de Stephen Decatur, *c.* 1814, por Thomas Sully (Atwater Kent Museum of Philadelphia/cortesia da Historical Society of Pennsylvania Collection/The Bridgeman Art Library)
66. – Porto Said, 1880 (Wikimedia Commons)
67. – Cais do Lloyd, Trieste, *c.* 1890 (adoc-photos)
68. – A Grande Praça, ou Praça Mehmet Ali, Alexandria, *c.* 1915 (Werner Forman Archive/Musees Royaux, Brussels/Heritage-Images/Imagestate)
69. – A ocupação italiana da Líbia, 1911 (akg-images)
70. – O ataque contra as belonaves francesas atracadas em Mers el-Kebir, outubro de 1940 (Fotografia: Bettmann/Corbis)
71. – Tropas britânicas desembarcam na Sicília, 1943 (Imperial War Museum, Londres, A17918)
72. – Navio transportando refugiados judeus, Haifa, 1947 (akg-images/Israelimages)
73. – Charles de Gaulle na Argélia, 1958 (akg-images/Erich Lessing)
74. – Cena de praia, Lloret de Mar (Frank Lukasseck/Corbis)
75. – Imigrantes ilegais africanos tentando desembarcar em solo espanhol (EFE/J. Ragel)

Parte cinco, capítulo 4, III Cartoon de 1936 em *Falastin* (Mark Levine, Overthrowing Geography (California, 2005)

Material com direitos autorais

Sistema de transliteração e datação

A transliteração é um pesadelo em um livro que cobre um período tão longo, de modo que manter a coerência é impossível. Tentei combinar autenticidade e clareza. Com os nomes gregos, rejeitei às vezes as formas latinizadas absurdas e há muito utilizadas, a menos que, como no caso de Aeschylus, a alternativa seja irreconhecível para os não especialistas. Assim, uso Herodotos [não Herodotus] e Sophokles [não Sophocles], bem como Komnenos para a grande dinastia bizantina, não Comnenus.[1] Isso se torna mais complicado em séculos posteriores. A antiga Thessalonika passou a ser a otomana Salonika e depois a moderna Tessaloniki, enquanto Epidamnos, Dyrrhachion, Dyrrachium, Dirráquio, Durazzo, Durrës são todos um único lugar na Albânia em diferentes épocas; usei o nome corrente no período sobre o qual estou escrevendo. Problemas comparáveis surgem com nomes hebreus, turcos e árabes. Ao longo da costa croata e montenegrina, favoreci as formas eslavas, uma vez que são hoje de uso geral, de modo que utilizei Dubrovnik em vez de Ragusa, mas (na falta de uma palavra igualmente elegante para seus moradores) chamei os habitantes de "ragusanos".

Outra questão controversa é o uso da notação cristã para as datas, BC (a.C.) e AD (d.C.), ou seus substitutos modernos, BCE (*before common era*, "antes da era comum") e CE (*common era*, "era comum"), ou na verdade (como Joseph Needham costumava recomendar) um simples "-" e "+". Como essas variações produzem exatamente as mesmas datas que BC e AD, não tenho certeza sobre a vantagem que trazem; e quem não se sentir à vontade com *Before Christ* e *Anno Domini* pode ficar livre para decidir se BC e AD referem-se a alguma outra combinação de palavras, como "*Backward chronology*" (cronologia inversa) e "*Accepted date*" (data aceita).

1 A tradução adota simplesmente a forma aportuguesada convencional, assinalando em alguns casos a discrepância entre colchetes, na primeira ocorrência; nomes e grafias alternativos entre parêntesis são do autor. (N. T.)

Material com direitos autorais

Prefácio

"História do Mediterrâneo" pode significar muitas coisas. Este livro é uma história do mar Mediterrâneo, mais do que uma história das terras em torno dele; mais particularmente, é uma história das pessoas que atravessaram o mar e viveram perto de suas praias, em portos e ilhas. Meu tema é o processo pelo qual o Mediterrâneo tornou-se, em graus variáveis, integrado numa única zona comercial, cultural e até (sob os romanos) política, e como esses períodos de integração terminaram às vezes em uma violenta desintegração, devido tanto a guerras como a pandemias. Identifiquei cinco períodos distintos: um Primeiro Mediterrâneo, que mergulhou no caos após 1200 a.C., ou seja, mais ou menos na época em que se acredita que aconteceu a queda de Troia; um Segundo Mediterrâneo, que sobreviveu até cerca de 500 d.C., um Terceiro Mediterrâneo, que emergiu lentamente e depois vivenciou uma grande crise na época da Peste Negra (1347); um Quarto Mediterrâneo, que teve de lidar com a competição cada vez maior do Atlântico e a dominação de potências atlânticas, terminando mais ou menos na época em que o canal de Suez foi aberto, em 1869; finalmente, um Quinto Mediterrâneo, que se tornou um corredor para o oceano Índico e encontrou uma surpreendente nova identidade na segunda metade do século XX.

Meu "Mediterrâneo" é decididamente a própria superfície do mar, seus litorais e ilhas, em particular as cidades portuárias que forneceram os principais pontos de partida e de chegada para os que o atravessaram. Essa é uma definição mais restrita do que a do grande pioneiro da história mediterrânica, Fernand Braudel, que às vezes abrangeu lugares além do Mediterrâneo; mas o Mediterrâneo de Braudel e a maioria dos que seguiram seus passos era uma massa de terra que se estendia muito além da linha costeira, bem como uma bacia cheia d'água, e existe ainda hoje uma tendência a definir o Mediterrâneo em relação com o cultivo da oliva ou com os vales fluviais que se nutriam dela. Isso significa que devemos examinar as sociedades muitas vezes sedentárias, tradicionais, nesses vales que produziam os gêneros alimentícios e matérias-primas que foram a base do comércio transmediterrânico, o que significa -

admitir a bordo também verdadeiros marinheiros de água doce que nunca sequer chegaram perto do mar. A região interior — os eventos que ali aconteceram, os produtos originários de lá ou que passaram por lá — não pode, é claro, ser ignorada, mas este livro se concentra naqueles que molharam os pés na água salgada e, melhor ainda, empreenderam jornadas através dela, participando de forma direta, em alguns casos, do comércio intercultural, do movimento de ideias religiosas e de outros tipos ou, de forma não menos significativa, de conflitos navais pelo domínio das rotas oceânicas.

Inevitavelmente, no que ainda assim é um livro longo, escolhas difíceis tiveram de ser feitas sobre o que devia ser incluído e o que devia ser excluído. Palavras utilizadas com menos frequência do que deveriam são "possivelmente", "talvez" e "provavelmente"; um sem-número de afirmações sobre o antigo Mediterrâneo, em particular, pode ser qualificado dessa forma, sob risco de criar uma bruma de incertezas para o leitor. Minha intenção foi descrever as pessoas, processos e eventos que transformaram todo ou grande parte do Mediterrâneo, mais do que escrever uma série de micro-histórias de suas margens, por mais interessante que isso pudesse ser; desse modo, concentrei-me no que considerei importante a longo prazo, como a fundação de Cartago, o surgimento de Dubrovnik, o impacto dos piratas da Barbária ou a construção do canal de Suez. Interações religiosas exigem espaço, e muita atenção é naturalmente concedida aos conflitos entre cristãos e muçulmanos, mas os judeus também receberam especial consideração, devido ao seu papel proeminente como mercadores no início da Idade Média e de novo no início do período moderno. Grosso modo, cobri igualmente cada século assim que cheguei à antiguidade clássica, uma vez que queria evitar escrever um desses livros em forma de pirâmide em que o autor corre pelos antecedentes para chegar confortável aos tempos modernos tão rápido quanto possível; mas as datas atribuídas aos capítulos são muito aproximadas, e capítulos separados às vezes lidam com eventos simultâneos em diferentes cantos do Mediterrâneo.

O Mediterrâneo tal como o conhecemos hoje foi moldado por fenícios, gregos e etruscos na antiguidade, por genoveses, venezianos e catalães na Idade Média, por armadas holandesas, inglesas e russas nos séculos anteriores a 1800; de fato, há alguma força no argumento de que após 1500, e certamente após 1850, o Mediterrâneo se tornou cada vez menos importante nos negócios e no comércio mundiais mais amplos. Na maioria dos capítulos, concentrei-me em um ou dois lugares que acredito que expliquem melhor os acontecimentos mais gerais no Mediterrâneo — Troia, Corinto, Alexandria, Amalfi, Salônica e assim por diante —,

Material com direitos autorais

mas a ênfase é sempre em suas ligações através do mar Mediterrâneo e, quando possível, em alguns dos povos que efetuaram ou vivenciaram essas interações. Um resultado dessa abordagem é que falo menos sobre peixes e pescadores do que alguns leitores poderiam esperar. A maioria dos peixes passa a vida sob a superfície da água e os pescadores tendem a deixar um porto, apanhar sua presa (em geral a alguma distância do porto de origem) e voltar para a base. De um modo geral, eles não têm um destino do outro lado do mar onde farão contato com outros povos e culturas. Os peixes que trazem de volta podem ser processados de alguma forma, como comida salgada ou em conserva, ou mesmo transformados em um molho de sabor forte, o *garum*, e os comerciantes que transportaram esses produtos para o exterior são muitas vezes mencionados; peixe fresco deve muitas das vezes ter sido o alimento padrão das tripulações nos navios. Francamente, porém, os dados são escassos; minha atenção para o que acontece sob a superfície do Mediterrâneo foi desviada apenas com a chegada dos submarinos na guerra moderna, no início do século XX.

Minha esperança é que as pessoas que pegarem este livro gostem tanto de sua leitura quanto eu apreciei escrevê-lo. Pelo convite para fazê-lo e pelo seu encorajamento entusiástico depois de começado, tenho profunda dívida de gratidão com Stuart Proffitt, da Penguin Books, e com meu agente, Bill Hamilton, na A. M. Heath, e pelo posterior encorajamento com Peter Ginna e Tim Bent, em minha editora americana, Oxford University Press, em Nova York. Um prazer especial foi a oportunidade de revisitar alguns lugares que mencionei. Beneficiei-me enormemente da hospitalidade de inúmeros anfitriões no Mediterrâneo e além: Clive e Geraldine Finlayson, do Museu de Gibraltar, foram acolhedores como sempre e possibilitaram-me não só voltar a visitar Gibraltar, como também empreender uma incursão através do estreito em Ceuta; Charles Dalli, Dominic Fenech, seus colegas no Departamento de História da Universidade de Malta, Sua Excelência, o alto comissário britânico, e a sra. Archer e Ronnie Micallef, do British Council, foram anfitriões exemplares em Malta; Sua Excelência, a embaixatriz maltesa para a Tunísia, Vicki-Ann Cremona, foi também uma anfitriã esplêndida em Túnis e Mahdia; Mohamed Awad, justificadamente famoso por sua hospitalidade, abriu meus olhos para a cidade de Alexandria; Edhem Eldem revelou-me cantos insuspeitos de Istambul (e Alexandria); Relja Seferović, do Instituto Histórico Croata em Dubrovnik, foi de enorme ajuda ali, em Montenegro (em Herceg Novi e Kotor) e na Bósnia-Herzegovina (em Trebinje); Eduard Mira partilhou seu conhecimento da Valência medieval in situ; Olivetta Schena convidou-me a Cagliari para celebrar meu falecido amigo e distinguido historiador do Mediterrâneo, Marco Tangheroni, possibilitando-me

também visitar a antiga Nora; um pouco mais longe, o Departamento de História da Universidade de Helsinque e o Ministério do Exterior finlandês me convidaram a expor minhas opiniões sobre a história do Mediterrâneo em uma cidade cuja grande fortaleza é muitas vezes chamada de a "Gibraltar do Norte"; Francesca Trivellato permitiu-me ler seu excelente estudo de Livorno antes mesmo de ser publicado. Roger Moorhouse identificou um sem-número de ilustrações adequadas, muitas vezes difíceis de encontrar; Bela Cunha foi uma editora de texto exemplar. Minha esposa Anna explorou Jaffa, Neve Tzedek, Tel Aviv, Túnis, Mahdia e grandes porções de Chipre comigo. Anna tolerou crescentes montanhas de livros do Mediterrâneo antigo e moderno numa casa já cheia de livros sobre o Mediterrâneo medieval. Minhas filhas Bianca e Rosa foram companheiras admiráveis nas viagens pelos vários cantos do Mediterrâneo e obtiveram material sobre tópicos tão diversos como os mouriscos e o Processo de Barcelona.

Sou também muito grato aos públicos em Cambridge, St Andrews, Durham, Sheffield, Valletta e Frankfurt-am-Main que responderam tão prestativos a uma palestra que dei sobre "Como escrever a história do Mediterrâneo". Em Cambridge, recebi conselhos bibliográficos e de outra ordem de Colin e Jane Renfrew, Paul Cartledge, John Patterson, Alex Mullen, Richard Duncan-Jones, William O'Reilly, Hubertus Jahn e David Reynolds, entre outros, enquanto Roger Dawe muito bondoso cedeu-me um exemplar de sua magnífica tradução comentada da *Odisseia*. Charles Stanton leu o primeiro esboço e me corrigiu em inúmeros pontos — desnecessário dizer, os erros que permanecem são meus. Alyssa Bandow envolveu-se entusiasticamente em discussões intermináveis sobre a economia antiga, ajudando-me a clarear minhas ideias. Nenhuma instituição pode se comparar com as faculdades em Cambridge e Oxford ao oferecer uma oportunidade de discutir ideias com pessoas numa grande variedade de disciplinas, e devo mais do que sou capaz de dizer ao estímulo de ter entre meus pares na Caius não só um grupo de colegas historiadores como também Paul Binski, John Casey, Ruth Scurr, Noël Sugimura e (até pouco tempo) Colin Burrow, bem como Victoria Bateman, cujos comentários sobre o texto muito apreciei, e Michalis Agathacleous, que me foi de enorme ajuda servindo de guia pelo sul de Chipre. A Classics Faculty Library foi particularmente generosa em atender minhas necessidades, bem como Mark Statham e a equipe da Gonville and Caius College Library. Quando, nos estágios finais de preparação do manuscrito, vi-me incapaz de deixar Nápoles devido a uma erupção vulcânica — não do Vesúvio! —, Francesco Senatore e suas simpaticíssimas colegas (Alessandra Perricioli, Teresa d'Urso, Alessandra Coen e outras) ofereceram-me magnífica hospitalidade, incluindo

Material com direitos autorais

o uso de uma sala na "Universidade Frederico II", além de uma animada conversa. Pouco depois de liberado o espaço aéreo, beneficiei-me enormemente de uma chance de discutir os temas deste livro em um encontro na Villa La Pietra, a sede em Florença da Universidade de Nova York, graças à bondade de Katherine Fleming, e fiz o ajuste fino em minha "Conclusão" depois na Noruega, após um convite dos sempre corteses organizadores de um simpósio mantido em Bergen em junho de 2010 para celebrar a entrega do Holberg Prize para Natalie Zemon Davis.

Este livro é dedicado à memória de meus ancestrais que viajaram de um lado para outro pelo Mediterrâneo ao longo dos séculos: de Castela a Safed e Tiberíades na Terra Santa, com intervalos em Esmirna; e depois, com meu avô, de Tiberíades na direção oeste outra vez e depois dele, com minha avó, de volta através do mar para Tiberíades, incluindo também meu antepassado Jacob Berab, que chegou a Safed vindo de Maqueda em Castela, e uma diversidade de Abulafias, Abolaffios e Bolaffis em Livorno e por toda a Itália. O título deste livro é tirado do nome hebraico para o Mediterrâneo, que aparece numa bênção a ser recitada quando pomos os olhos em suas águas: "Abençoado sejas, Senhor nosso Deus, rei do Universo, que fez o Grande Mar."

David Abulafia
Cambridge, 15 de novembro de 2010

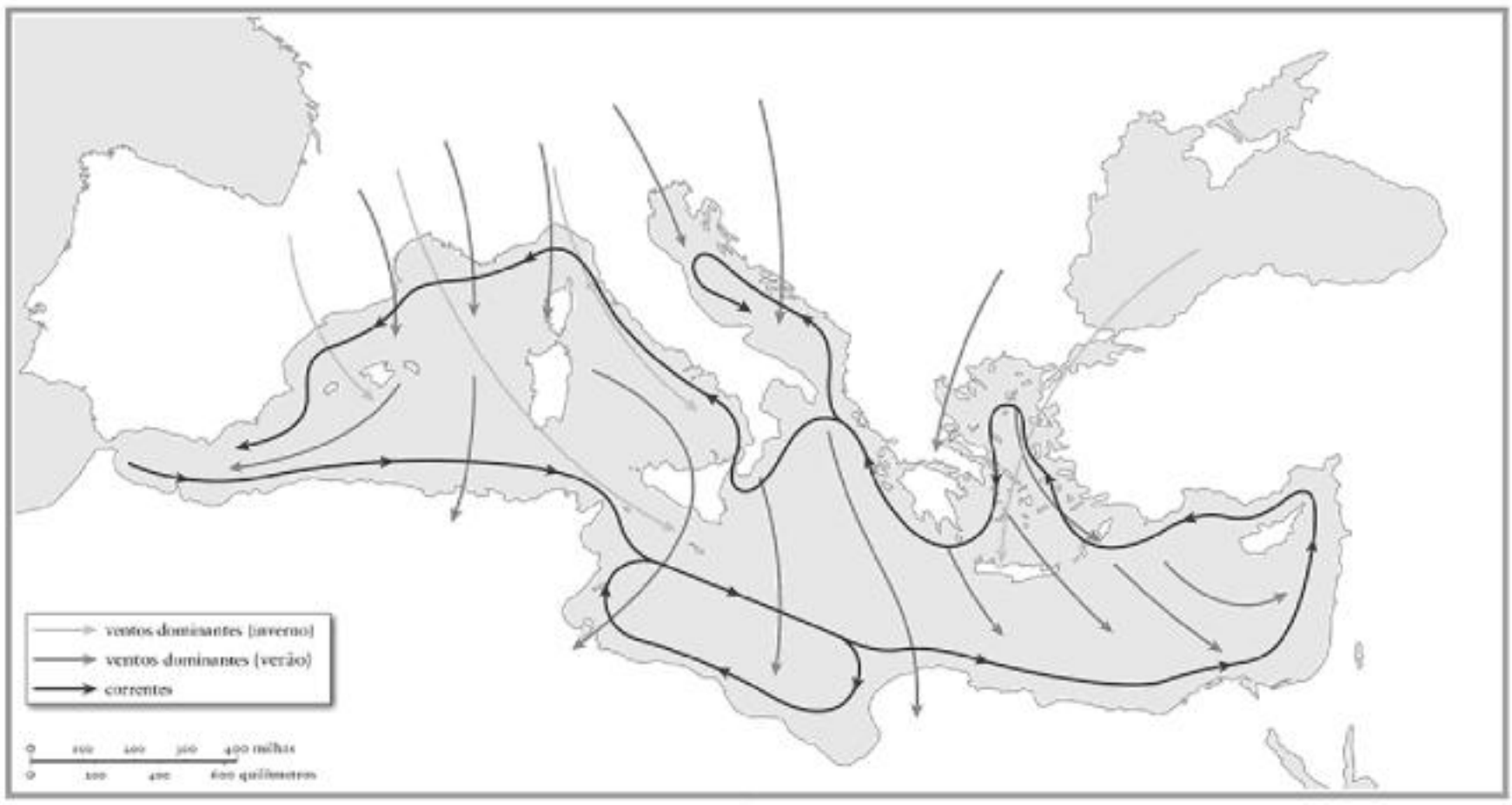
Material com direitos autorais

Introdução: um mar com muitos nomes

Conhecido em inglês e nas línguas românicas como o mar "entre as terras", o Mediterrâneo recebe e já recebeu inúmeros nomes: "Nosso Mar" para os romanos, o "Mar Branco" (*Akdeniz*) para os turcos, o "Grande Mar" (*Yam gadol*) para os judeus, o "Mar do Meio" (*Mittelmeer*) para os alemães e, mais incerto, o "Grande Verde" dos antigos egípcios. Autores modernos contribuíram para o vocabulário, cunhando epítetos como o "Mar Interior", o "Mar Rodeado", o "Mar Cordial", o "Mar Fiel" de diversas religiões, o "Mar Amargo" da Segunda Guerra Mundial, o "Mar Corruptor" de dezenas de microecologias transformadas por sua relação com vizinhos que suprem o que lhes falta, e para as quais podem oferecer seus próprios excedentes; o "Continente Líquido" que, como um continente de verdade, abraça muitos povos, culturas e economias dentro de um espaço com margens precisas. É importante, portanto, começar definindo seus limites. O mar Negro banha litorais de onde grãos, escravos, peles e frutos foram exportados para o Mediterrâneo desde a antiguidade, mas era mais um mar penetrado por mercadores mediterrânicos, do que um mar cujos habitantes participaram das mudanças políticas, econômicas e religiosas que tiveram lugar no próprio Mediterrâneo — suas ligações através da terra, em direção aos Bálcãs, às estepes russas e ao Cáucaso, emprestaram às civilizações ao longo de suas margens um panorama e um feitio diferentes dos mediterrânicos. Isso não é verdade para o Adriático, que participou fortemente da vida comercial, política e religiosa do Mediterrâneo, graças aos etruscos e gregos de Spina, aos venezianos e ragusanos no período medieval e início do período moderno e aos homens de negócios triestinos, num período mais moderno. Neste livro, as fronteiras do Mediterrâneo foram fixadas primeiro onde a natureza e depois o homem as determinou: no estreito de Gibraltar; no Dardanelos, com ocasionais incursões em direção a Constantinopla, uma vez que ela funcionava como ponte entre o mar Negro e o mar Branco; e no litoral que vai de Alexandria a Gaza e Jaffa. E depois, dentro e junto do Mediterrâneo, este livro inclui as cidades portuárias, particularmente aquelas onde as culturas se encontraram e se misturaram — Livorno,

Material com direitos autorais

Esmirna, Trieste e outras —, e as ilhas, sobretudo quando seus habitantes olhavam para o exterior, motivo pelo qual os corsos têm participação menor neste livro do que os malteses.



Essa talvez seja uma visão mais estreita do Mediterrâneo do que aquela oferecida por outros autores, mas é certo uma visão mais consistente. O tema de livros sobre a história do Mediterrâneo costuma ser a história das terras em torno do mar, possibilitando, naturalmente, dedicar alguma atenção à interação entre essas terras. Duas obras se destacam de forma proeminente: o volumoso *Corrupting Sea* de Peregrine Horden e Nicholas Purcell, de 2000, é particularmente rico em ideias sobre a história agrária das terras bordejando o Mediterrâneo, presumindo que uma história do Mediterrâneo deva incluir as regiões fronteiriças com o mar numa distância de pelo menos uns 15 quilômetros. Os autores demonstraram algumas características fundamentais do intercâmbio mediterrânico: a "conectividade" ligando diferentes pontos, os "enfraquecimentos" quando ocorreram contrações. Mas, em última análise, o livro se concentra fundamentalmente no que acontece em terra firme, mais do que na superfície do oceano em si. E depois, fazendo sombra a todos os historiadores do Mediterrâneo, surge a figura de Fernand Braudel (1908-85), cuja obra *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na era de Filipe II*, publicada pela primeira vez em 1949, foi um dos livros de história mais originais e influentes do século XX. Da década de 1950 em diante, Braudel orientou as pesquisas de muitas dezenas de estudiosos, não apenas sobre a história do Mediterrâneo no período de sua

escolha, mas também em períodos anteriores e posteriores, e não apenas do Mediterrâneo, como também do Atlântico e de outros oceanos; no fim da vida ele reinou com dignidade e distinção sobre a tão respeitada escola dos *Annales* de historiadores, de sua base na misteriosamente intitulada "sexta seção" da École Pratique des Hautes Études em Paris. Mas suas ideias haviam germinado de modo lento. Intelectuais franceses, como o estimado poeta e ensaísta Paul Valéry, que morreu em 1945, ficaram fascinados com a ideia de uma "civilização mediterrânea" compartilhada por franceses, espanhóis e italianos, marcando presença tanto em seus litorais nativos como em suas possessões coloniais no Norte da África e no Oriente Médio. O livro de Braudel foi resultado de uma longa reflexão na França, na Argélia, no Brasil e nos campos de prisioneiros de guerra alemães, período em que Braudel empreendeu uma jornada intelectual partindo do estudo detido da política antiga que ainda fascinava muitos historiadores franceses, passando pelas identidades mediterrânicas postuladas por Valéry e empreendendo uma historiografia informada pela geografia. Mostrando um domínio enciclopédico da história de todo o Mediterrâneo, não só no século XVI, Braudel oferecia uma resposta nova e empolgante à questão de como as sociedades às suas margens têm interagido. No coração da abordagem de Braudel estava sua tese de que "toda mudança é lenta" e que "o homem é prisioneiro de um destino em que ele próprio tem pouca voz ativa".[1] Este livro sugere o oposto nos dois casos. Se Braudel forneceu o que pode ser chamado de uma história horizontal do Mediterrâneo, buscando capturar suas características pelo exame de uma era particular, este livro tenta fornecer uma história vertical do Mediterrâneo, enfatizando a mudança ao longo do tempo.

Braudel exibia um quase desprezo pela história política, compreendida como "eventos" (*histoire événementielle*).[2] A geografia do Mediterrâneo era vista como determinante para o que ocorria dentro de suas fronteiras. Ele reservou a política e a guerra muito para o fim de seu livro e a real força da obra reside em outra parte, no modo como ela enxerga a paisagem das terras em torno do Mediterrâneo, bem como as características importantes do próprio Grande Mar em si — seus ventos e correntes, que ajudaram a determinar as rotas que as pessoas tomavam ao cruzá-lo. Na realidade, o Mediterrâneo de Braudel se estendia muito além do oceano, abrangendo todas as regiões cuja vida econômica foi de algum modo influenciada pelo que acontecia em suas águas: ele conseguiu em momentos variados incluir a Cracóvia e a Madeira em seus cálculos. Seguindo seus passos, John Pryor deu forte ênfase às limitações impostas pelos ventos e correntes, argumentando que navegadores medievais e do início da era moderna achavam difícil navegar ao longo

Material com direitos autorais

da costa norte-africana, e sublinhou também a importância da estação desimpedida entre a primavera e o outono, quando era possível navegar o mar ajudado por ventos favoráveis. Contra isso, Horden e Purcell sugeriram que os marinheiros estavam preparados para criar vias de navegação adicionais onde os ventos e as correntes eram menos propícios, mas onde outros interesses — comerciais ou políticos — os atraíram para suas novas rotas.[3] As forças da natureza podiam, assim, ser desafiadas pelo engenho e pela habilidade.

Os aspectos físicos desse mar certamente não podem ser considerados comuns. O Mediterrâneo possui diversas características que resultam de sua situação, numa época geológica remota, como mar fechado, e entre 12 e 5 milhões de anos atrás a evaporação atingiu o ponto em que a bacia do Mediterrâneo tornou-se um deserto profundo e vazio; uma vez invadida pelo Atlântico, acredita-se que tenha sido inundada em cerca de dois anos. O lugar perde água por evaporação mais rapidamente do que os sistemas fluviais que deságuam no Mediterrâneo são capazes de enchê-lo, coisa que não é de surpreender, quando lembramos como são tênues alguns desses cursos d'água: os pequenos rios de Sicília e Sardenha, os históricos mas não abundantes Tibre e Arno (o Arno se torna um córrego rio acima, em Florença, no auge do verão). É verdade que o Mediterrâneo recebe água do maciço sistema fluvial do Nilo, e que o Pó e o Reno também dão alguma contribuição. Entre os rios europeus, o Danúbio e os sistemas fluviais russos contribuem indiretamente, pois o mar Negro recebe água de diversas grandes artérias que se estendem por uma longa distância terra adentro. O resultado é que o mar Negro comporta um excesso de água não evaporada, criando uma correnteza rápida que passa furiosamente por Istambul a caminho do noroeste do Egeu. Mas isso compensa apenas por 4% da água perdida no Mediterrâneo, e a principal fonte de reposição de suas perdas por evaporação é o oceano Atlântico, que fornece um influxo constante de sua água fria, fato até certo ponto contrabalançado por uma vazante das águas mediterrânicas, que (devido à evaporação) são mais salgadas e portanto mais pesadas; a água que entra passa sobre a água que sai.[4] O fato de o Mediterrâneo ser aberto nos dois extremos é assim crucial para sua sobrevivência enquanto oceano. A abertura de um terceiro canal, em Suez, causou efeitos mais limitados, uma vez que a rota marítima passa por canais estreitos, mas tem trazido para o Mediterrâneo tipos de peixes nativos do mar Vermelho e do oceano Índico.

O influxo do Atlântico impediu os navegadores medievais de passar regularmente pelo estreito de Gibraltar, embora isso não tenha impedido os vikings, os cruzados e outros de entrar no Mediterrâneo. As principais correntes seguem a costa africana no

Material com direitos autorais

sentido leste a partir de Gibraltar, passam por Israel e Líbano, contornam Chipre, e depois dão a volta pelos mares Egeu, ¬Adriático e Tirreno, passando ao longo das costas francesa e espanhola antes de voltar às Colunas de Hércules.[5] Essas correntes exerceram significativo impacto na facilidade com que os navios foram capazes de se deslocar em torno do Mediterrâneo, pelo menos nos tempos do remo e da vela. Provou-se até ser possível, fazendo um curso em ziguezague, usar as correntes para navegar contra os ventos mediterrânicos. Os sistemas climáticos na região tendem a se mover no sentido oeste-leste, de modo que os ventos podiam ser lucrativamente explorados para transportar cargas na primavera, dos portos entre Barcelona e Pisa, na direção de Sardenha, Sicília e Levante, embora a principal influência no Mediterrâneo ocidental durante o inverno seja o sistema climático do atlântico norte, enquanto no verão é a alta subtropical do Atlântico, estacionada acima dos Açores. O clima úmido e ventoso no inverno é caracterizado pelo mistral, trazendo ar frio para os vales da Provença, mas ele possui muitos primos próximos, como o *bora* ou o tramontana de Itália e Croácia. John Pryor observou que o "Golfo do Leão" na costa da Provença é assim chamado devido ao fragor do mistral se parecer com um rugido de leão.[6] Ninguém deve subestimar o dissabor ou o perigo de uma tempestade de inverno no Mediterrâneo, a despeito da imagem de um oceano ensolarado. Ocasionalmente, sistemas climáticos de baixa pressão se desenvolvem acima do Saara e são arrastados para o norte na condição de um vento bravio conhecido como siroco ou xaroco — ou *scirocco* (Itália), *xaloc* (Catalunha) e *hamsin* (Israel, Egito); vastas quantidades de poeira vermelha saariana podem ser despejadas nas terras que cercam o Mediterrâneo. Enquanto os navios dependiam de velas para locomoção, os ventos norte dominantes punham a navegação sob perigo ao longo da costa do Norte da África, pois ameaçavam lançar as embarcações contra os bancos de areia e corais do litoral mediterrânico meridional, enquanto (como Pryor também observou) a inclinação mais abrupta da costa norte do Mediterrâneo a tornava muito mais atraente para os navegadores, assim como suas enseadas e praias; porém, essas enseadas eram também uma tentação permanente para os piratas em busca de esconderijos e abrigos.[7] A passagem de oeste para leste, o famoso comércio levantino da Idade Média, era mais fácil para os navios que zarpavam de Gênova ou Marselha na primavera e seguiam o litoral norte do Mediterrâneo, passando por Sicília e Creta e contornando Chipre para chegar ao Egito; não constituiu prática padrão cortar por Creta até a foz do Nilo senão após a chegada da navegação a vapor. Claro que é impossível ter certeza absoluta de que os ventos e as correntes continuam os mesmos. Porém há referências suficientes nas fontes clássicas e medievais mencionando ventos

Material com direitos autorais

como os *Boreas* originários do noroeste para deixar claro que o *bora* tem uma história bem longa.

Mudanças no clima podiam ter importantes consequências para a produtividade de terras próximas ao Mediterrâneo, com um efeito secundário sobre o comércio do grão mediterrânico, que era tão importante na Antiguidade e na Idade Média mas que depois perdeu sua primazia. Um resfriamento do clima nos séculos XVI e XVII ajuda a explicar por que terras de cultivo de grão ficaram inaproveitadas e por que as importações de grão da Europa setentrional tornaram-se surpreendentemente comuns, fortalecendo o envolvimento de mercadores holandeses e alemães no Mediterrâneo. A seca em regiões costeiras talvez sugira a mudança climática, mas nisso, é bom frisar, o impacto humano é normalmente visível: no Norte da África, novas ondas de invasão árabe nos séculos XI e XII podem ter resultado em negligência com represas e obras de irrigação, de modo que a agricultura sofreu em razão disso. O declínio econômico na Ásia Menor durante o período final do Império Romano foi acentuado pelo abandono de vinhas e terraços de oliveiras, antes responsáveis por segurar o solo, que agora era levado pela água da chuva, obstruindo os rios com sedimentos.[8] Em tempos modernos, as represas, notavelmente a Represa Alta de Assuã, no Alto Egito, mudaram o padrão de fluxo da água no Mediterrâneo, com efeitos sobre as correntes e a umidade. Foi o homem que alterou o ciclo sazonal do Nilo, mudando de forma decisiva a vida econômica do Egito e pondo um fim às cheias anuais que os antigos egípcios atribuíam a seus deuses. Por outro lado, o geógrafo Alfred Grove e o ecologista Oliver Rackham sugeriram que os seres humanos exerceram um efeito menos dramático no ambiente mediterrânico do que em geral se presume, pois a natureza nas terras mediterrânicas mostra capacidade de se recuperar de variações climáticas e de outra ordem, bem como dos maus tratos impingidos sobre elas. Os humanos, enfatizam eles, não determinam a evolução do clima, ou pelo menos não o fizeram antes do século XX; e a erosão, mesmo admitindo-se uma participação humana, também ocorre naturalmente — ela acontecia de igual maneira na era dos dinossauros. Uma questão em que o impacto humano costuma ser identificado é o desflorestamento, que provocou severos efeitos na Sicília, no Chipre e ao longo da costa espanhola; a demanda por madeira para os navios foi sucedida pelo desmatamento de terras para cidades e vilarejos novos ou em expansão, mas nesse caso também pode ser apresentado o argumento de que a regeneração natural ocorreu com frequência. Grove e Rackham são menos otimistas sobre o futuro enfrentado pelo Mediterrâneo: com a superexploração dos recursos hídricos, o suprimento de pescados e, em algumas áreas, a ameaça de desertificação,

Material com direitos autorais

com probabilidade de se agravar caso os prognósticos sobre o aquecimento global se mostrem parcialmente válidos.[9] Olhar para a história do Mediterrâneo significa observar uma simbiose do homem e da natureza talvez em vias de terminar.

Este livro não nega a importância dos ventos e correntes, mas visa pôr em relevo a experiência humana de atravessar o Mediterrâneo ou viver nas cidades portuárias e ilhas que dependem do mar para sua existência. A interferência humana tem sido mais importante em moldar a história do Mediterrâneo do que Braudel algum dia foi capaz de admitir. Este livro está repleto de decisões políticas: esquadras sendo enviadas para conquistar Siracusa ou Cartago, Acre ou Famagusta, Minorca ou Malta. O motivo de esses lugares serem estrategicamente importantes dependeu em grau significativo da geografia — não apenas ventos e ondas, como também outras limitações: comida e água frescas duram poucas semanas numa embarcação mercante, mas constituíam um volume grande demais para armazenar em quantidade numa galera de guerra sem muito espaço de sobra. Esse fato simples significava que o controle do mar aberto era um desafio muito difícil, pelo menos na era da vela; sem acesso a portos amigos onde suprimentos podiam ser embarcados e os navios levados ao estaleiro, nenhuma potência, por mais belonaves de que dispusesse, podia almejar a supremacia ao longo das rotas marítimas. Sendo assim, conflitos pelo controle do Mediterrâneo devem ser vistos como lutas pelo controle de seus litorais, portos e ilhas, mais do que confrontos por espaços abertos.[10] Para lidar com a ameaça quase constante da pirataria, era com frequência necessário fazer acordos escusos com os piratas e seus senhores, permitindo livre trânsito para a marinha mercante em troca de presentes e propinas. Postos avançados tinham valor inestimável. A posição de Corfu tornou a ilha um lugar cobiçado ao longo de séculos por aqueles que buscavam controlar a entrada do Adriático. Os catalães e depois os britânicos construíram uma linha de possessões pelo Mediterrâneo que serviu também a seus interesses econômicos e políticos. Estranho, porém, que os lugares escolhidos como portos muitas vezes ofereciam precárias condições de atracadouro: as vantagens físicas não eram de modo algum a única coisa a ser levada em consideração. Alexandria era difícil de acessar através de mares frequentemente encrespados, a Barcelona medieval oferecia pouco mais do que uma praia, Pisa, nada além de pequenos ancoradouros junto ao estuário do Arno, e ainda na década de 1920 os navios com destino a Jaffa tinham de descarregar no mar, longe do porto. O atracadouro de Messina ficava junto às águas furiosas que os comentadores clássicos identificavam como os terrores gêmeos de Cila e Caríbdis.[11]

A história humana envolve o estudo tanto do irracional como do racional,

Material com direitos autorais

decisões tomadas por indivíduos ou grupos que são de difícil compreensão a uma distância de séculos ou milênios, e que talvez tenham sido de difícil compreensão na época em que as próprias decisões foram tomadas. Contudo, pequenas decisões, como o bater das asas de uma borboleta, podiam ter consequências momentosas: o discurso de um papa em Clermont, França, em 1095, carregado de uma retórica vaga mas fervorosa, foi capaz de desencadear quinhentos anos de cruzadas; disputas entre comandantes turcos rivais, ao contrário da carismática liderança do lado cristão, acabaram acarretando a surpreendente derrota dos exércitos e armadas otomanos, como em Malta, em 1565 — e mesmo assim a Espanha demorou demais para enviar a ajuda que a situação urgente exigia, arriscando-se a perder o domínio das águas em torno de uma de suas possessões mais valiosas, a Sicília. Batalhas foram vencidas contra todas as probabilidades; vitórias de comandantes navais brilhantes como Lisandro, Rogério de Lauria e Horatio Nelson transformaram o mapa político do Mediterrâneo e frustraram os planos imperiais de Atenas, Nápoles e da França napoleônica. Príncipes mercantis puseram o próprio lucro acima da causa da cristandade. A roleta gira e o resultado pode ser imprevisível, mas o que gira a roleta são mãos humanas.

Material com direitos autorais

PARTE UM

O Primeiro Mediterrâneo, 22000 a.C.-1000 a.C.

Material com direitos autorais

1

Isolados e insulados, 22000 a.C.-3000 a.C.

I

Esculpido milhões de anos antes que a humanidade alcançasse suas praias, o mar Mediterrâneo tornou-se um "mar entre as terras", ligando litorais opostos a partir do momento em que os seres humanos cruzaram sua superfície em busca de habitação, alimento e outros recursos vitais. Os primeiros tipos de humanos habitavam as terras banhadas pelo Mediterrâneo havia 435 mil anos, a julgar pela evidência de acampamentos de caçadores nos arredores da Roma moderna; outros construíram uma simples cabana de galhos em Terra Amata, perto de Nice, e fizeram uma lareira no centro de sua habitação — sua dieta incluía carne de rinoceronte e de elefante, além de cervos, coelhos e porcos selvagens.[1] Em que momento os primeiros humanos se aventuraram pelas águas do mar é incerto. Em 2010, a American School of Classical Studies em Atenas anunciou a descoberta em Creta de um machado de mão datado de um período anterior a 130.000 a.C., indicando que antigos humanos descobriram algum modo de atravessar o mar, embora essas pessoas possam ter ido parar ali involuntariamente, levadas sobre destroços durante uma tempestade.[2] Descobertas feitas em cavernas de Gibraltar provam que 24 mil anos atrás uma outra espécie de humanos buscou atravessar o mar na direção da montanha de Jebel Musa, claramente visível na costa da África: os primeiros ossos Neandertais a serem encontrados, em 1848, foram os de uma mulher que viveu em uma caverna junto ao rochedo de Gibraltar. Uma vez que os achados originais não foram de imediato identificados como restos de uma espécie humana diferente, somente oito anos depois, quando ossos similares foram desenterrados no vale do Neander, na Alemanha, essa espécie recebeu seu nome: o Homem de Neandertal na verdade deveria ter se chamado Mulher de Gibraltar. Os Neandertais de Gibraltar fizeram uso do mar que banhava a costa de seu território, pois a dieta deles incluía mariscos e crustáceos, e até mesmo tartarugas e focas, embora por essa época uma planície baixa separasse suas cavernas rochosas das águas do oceano.[3] Mas não existe evidência de uma população Neandertal em Marrocos, que foi colonizado pelo *Homo sapiens*

Material com direitos autorais

sapiens, nosso ramo da humanidade. A princípio, o estreito manteve as duas populações separadas.

No longo período do Paleolítico Inferior e Médio ("Idade da Pedra Antiga e Médio-Antiga"), a navegação através do Mediterrâneo provavelmente foi algo raro, embora algumas ilhas da nossa época fossem acessíveis por pontes de terra mais tarde cobertas pelo mar que subia. A gruta de Cosquer, perto de Marselha, contém esculturas feitas pelo *Homo sapiens* datando de 27000 a.C. e pinturas mais recentes, de 19000 a.C.; hoje ela se encontra bem abaixo do nível do mar, mas quando era habitada, o litoral mediterrânico ficava a poucos quilômetros dali. A primeira evidência sólida de travessias curtas surge durante o Paleolítico Superior (a antiga "Idade da Pedra Inicial"), ou seja, antes de 11000 a.C. Nesse ponto, os visitantes começaram a andar por Melos, nas Cíclades gregas, em busca da obsidiana, um vidro vulcânico, utilizada em ferramentas de pedra, e que propiciava bordas mais afiadas do que o sílex. A Sicília abrigou dezenas de sítios paleolíticos do mesmo período, com frequência ao longo da costa, onde os povoadores consumiam grandes quantidades de moluscos, embora também caçassem raposas, lebres e cervos. Eles cuidavam dos mortos, cobrindo o corpo com uma camada de ocre e às vezes enterrando-os com colares decorados. Na extremidade ocidental da Sicília, ocupavam o que são hoje as ilhas Égadi (que eram então provavelmente pequenos promontórios ligados à Sicília); em um deles, Levanzo, em algum momento por volta de 11000 a.C., decoraram uma caverna com figuras entalhadas e pintadas na parede. As figuras entalhadas incluíam cervos e cavalos, desenhados com vivacidade e certo grau de realismo. As figuras pintadas são mais esquemáticas, representações grosseiras de seres humanos, e

acredita-se que datem de uma ocupação posterior da caverna. Os desenhos e pinturas das cavernas sicilianas demonstram a existência de uma sociedade adepta da caça-coleta, como sabemos por outra evidência, a criação de ferramentas eficazes de sílex e quartzito, cujos rituais incluíam magias imitativas visando a obtenção de presas. Eles caçavam com arco e flecha e com lanças; moravam em cavernas e grutas, mas também ocupavam acampamentos ao ar livre. Viviam esparsamente separados e, embora seus ancestrais tivessem chegado à Sicília em algum tipo de embarcação simples, gerações posteriores não exploraram o mar mais além.[4]

O estilo de vida dos primeiros moradores da Sicília não era marcadamente diferente do de outros povos, de diferentes gerações, do Paleolítico Superior, espalhadas em torno das praias do Mediterrâneo, de quem estavam, todavia, isolados. Isso não significa dizer que suas vidas careciam de complexidade; uma comparação com caçadores-coletores nômades na Austrália ou no Amazonas sugere que mitos e rituais elaborados têm mantido famílias e grupos unidos por milênios, a despeito de seu nível de tecnologia. A mudança, quando ocorreu, teve lugar de maneira muito lenta e não necessariamente consistiu do que pode ser chamado de "aperfeiçoamento", pois habilidades como as dos artistas das cavernas podiam tanto ser perdidas como obtidas. Por volta de 8000 a.C., houve um aquecimento muito gradual, e isso resultou em mudanças na flora e na fauna que às vezes puseram esses pequenos grupos de pessoas em movimento, à procura de sua presa tradicional, e às vezes encorajaram uma busca por tipos de alimento alternativos, especialmente os fornecidos pelo mar. O mar gradualmente subiu, cerca de 120 metros, à medida que a calota de gelo derretia. Os contornos do Mediterrâneo moderno tornaram-se mais reconhecíveis conforme istmos viravam ilhas e costas marítimas recuavam mais ou menos para o lugar em que estão hoje; mas tudo isso foi um processo lento demais para ser prontamente visível.[5]

Havia pouca diferenciação social dentro desses bandos errantes de pessoas, viajando em busca de comida, chegando a propícios cumes de colinas e baías, mudando de povoado para povoado, indo e vindo em ziguezague. Mas à medida que os grupos se familiarizavam com áreas particulares, eles adaptavam sua dieta e os costumes para aquela área. Possivelmente, quando enterravam seus mortos e decoravam as cavernas, adquiriam um sentido real de ligação com a terra. Ocasionalmente, ferramentas de pedra passavam de mão em mão e de uma comunidade para outra, ou eram conquistadas em pequenos combates entre tribos. Em essência, contudo, eram autossuficientes, apoiando-se no que o mar e a terra ofereciam em termos de animais selvagens, peixe e frutos silvestres. Embora a

Material com direitos autorais

população humana permanecesse minúscula, talvez uns poucos milhares em toda a Sicília em um dado momento, o efeito da mudança climática e da intervenção humana sobre a população animal foi cada vez mais severo; animais maiores começaram a desaparecer, notavelmente os cavalos selvagens que haviam chegado antes dos humanos, quando a Sicília ainda estava ligada por terra à Itália; esses cavalos ficaram registrados nos desenhos da caverna de Levanzo e forneceram lautos banquetes.

Durante o período transicional de cerca de 5000 a.C. conhecido como Mesolítico ("Idade da Pedra Média"), quando as ferramentas tornaram-se invariavelmente mais refinadas, mas a criação de animais, a cerâmica ou o cultivo de grãos ainda estavam por emergir, a dieta dos sicilianos pré-históricos voltou-se para produtos do mar, de onde extraíam esparídeos e garoupas; grande quantidade de conchas de moluscos foram encontradas em sítios arqueológicos, algumas entalhadas e decoradas com ocre vermelho. Em 6400 a.C., na futura Tunísia, emergiu a "cultura capsiana", fortemente dependente de mariscos e que deixou para trás ao longo da costa grandes montes à semelhança de sambaquis.[6] Mais a leste, no Egeu, marinheiros do Paleolítico Superior e do Mesolítico de maneira ocasional tomavam a rota ao longo da cadeia de ilhas das Cíclades até Melos, coletando sua obsidiana e transportando-a de volta para cavernas no continente grego, como a caverna em Franchthi, a 120 quilômetros de Melos; seus barcos provavelmente eram feitos de caniços, que podiam ser moldados e cortados usando as pequenas pedras de bordas afiadas, ou micrólitos, que eles haviam desenvolvido. Como os níveis do mar ainda estavam subindo, a distância entre as ilhas era mais curta do que hoje.[7] A Sicília mesolítica também conhecia a obsidiana, que era obtida no solo vulcânico das ilhas Líparas, ao largo da costa nordeste da Sicília. O movimento pelo mar aberto havia começado. Local, intermitente, mas deliberado: o objetivo era colher materiais preciosos a fim de fabricar ferramentas superiores. Não era "comércio"; era provável que não havia ninguém morando de modo permanente nem em Melos, nem em Lípara, e mesmo que houvesse, os povoadores não teriam manifestado um direito de posse sobre o vidro vulcânico que ocorria nas ilhas. Os habitantes de Sicília e Grécia que adquiriram pedaços de obsidiana não fabricaram instrumentos cortantes a fim de enviá-los para as comunidades vizinhas afastadas da costa. Autarquia era a regra. É necessário dar um passo adiante no período Neolítico a fim de encontrar evidência regular de viagens deliberadas em busca de produtos desejados, numa época em que as sociedades estavam se tornando mais hierárquicas e complexas e a relação entre a humanidade e a terra mudava de uma maneira revolucionária.

Material com direitos autorais

II

A "Revolução Neolítica", que acabaria por englobar todas as comunidades humanas do mundo, foi na verdade uma série de descobertas independentes sobre como controlar os recursos alimentícios, de cerca de 10000 a.C. em diante. A domesticação do gado bovino, ovelhas, cabras e porcos fornecia uma fonte consistente de carne, leite, osso para ferramentas e, no devido momento, fibras para tecidos; a observação de que as safras podiam ser selecionadas e semeadas em ciclos sazonais resultou no cultivo de vários tipos de trigo, começando pela variedade *emmer* semisselvagem, e culminando na produção (no Mediterrâneo) de trigo e cevada primitivos. As cerâmicas mais antigas, no início moldadas, mais do que feitas na roda de oleiro, começaram a ser usadas como recipientes para alimentos; ferramentas ainda eram feitas de sílex, obsidiana e quartzos, mas ficaram menores e mais especializadas, uma tendência que já era visível no período Mesolítico; isso representa um crescimento da especialização, incluindo uma hábil casta de fabricantes de ferramentas cujo treinamento no que parece uma técnica enganosamente simples era sem dúvida tão longo e complexo quanto o de um sushi chef. As sociedades neolíticas eram perfeitamente capazes de criar instituições políticas complexas, hierárquicas, como uma monarquia, e de dividir a sociedade em castas determinadas pelo status e o trabalho.

Povoamentos concentrados se desenvolveram — permanentes, murados e dependentes de suprimentos locais, mas também de bens trazidos de longas distâncias: o primeiro, por volta de 8000 a.C., foi Jericó, com cerca de 2 mil habitantes no início do oitavo milênio; sua obsidiana era antes anatoliana que mediterrânica. Por volta de 10000 a.C., os habitantes de Eynan (Ayn Mallaha), no que é hoje o norte de Israel, cultivavam colheitas, moíam farinha e também tinham tempo e pendor para produzir retratos humanos — esquemáticos, mas elegantes — em pedra entalhada. À medida que a população do Mediterrâneo oriental crescia, aumentando as novas fontes de comida, a competição por recursos levava a um conflito mais frequente entre as comunidades, de modo que as armas eram cada vez mais utilizadas contra outros humanos em vez de animais.[8] Conflitos geraram migrações; gente de Anatólia ou Síria se locomoveu para Chipre e Creta. Em 5600 a.C., uma comunidade de vários milhares de pessoas havia se fixado em Chipre, em Choirokoitia, fabricando potes que não eram de cerâmica, mas de pedra entalhada; esses primeiros cipriotas importaram alguma obsidiana, mas se concentraram principalmente em seus campos e manadas. Construíram casas de tijolos, sobre

Material com direitos autorais

fundações de pedra, com dormitórios em uma galeria no primeiro andar e os túmulos de seus ancestrais sob o piso da cabana. Menos impressionante foi o primeiro povoamento neolítico de Creta, em Cnossos, datando de cerca de 7000 a.C.; mas ele marcou o início do processo de ocupação intensiva da ilha, que dominaria o Mediterrâneo oriental na Idade do Bronze. Os habitantes já chegaram munidos de sementes para plantio e de animais, oriundos da costa da Ásia Menor, pois os que criavam não tinham parentes selvagens na própria Creta. Cultivaram trigo, cevada e lentilha. A olaria foi uma habilidade que não desenvolveram por cerca de meio milênio; a tecelagem foi praticada na primeira metade do quinto milênio. A falta de objetos cerâmicos sugere uma comunidade isolada que não copiou os métodos de seus vizinhos mais a leste; a obsidiana chegou de Melos, que não fica muito longe, a noroeste. Mas de modo geral os cretenses fecharam os olhos para o mar: as relativamente poucas conchas que foram descobertas no estrato mais baixo de Cnossos exibem desgaste pela água, indicando que foram colhidas para uso decorativo muito tempo após os moluscos que um dia ali viveram terem morrido.[2] Mas contatos externos começaram a transformar as vidas de antigos cretenses. Quando a cerâmica passou a ser produzida, por volta de 6500 a.C., era de uma variedade escura, polida, que guarda algumas similaridades com estilos anatolianos do período; a técnica não parece ter se desenvolvido de maneira gradual, mas sim ter sido importada de uma vez, como no atacado. Durante fases neolíticas posteriores, novos povoamentos emergiram em outras partes da ilha, como Festo [Phaistos], no sul; entretanto o processo levou 3 mil anos, período durante o qual Creta voltou-se cada vez mais para o mar. A extraordinária civilização que acabou por emergir na ilha pode ser mais bem compreendida como uma interação entre uma cultura nativa em lenta evolução com uma identidade local poderosa e os contatos crescentes com o mundo externo que forneceram nova tecnologia e novos modelos, adaptados com idiossincrasia pelos cretenses para ir ao encontro de seus próprios usos.

Mós e pilões tiveram de ser manufaturados; fundações de pedra foram construídas para casas que agora se tornavam habitações permanentes; os oleiros precisavam de equipamento para moldar e queimar seus objetos cerâmicos. A especialização aumentou a demanda por tipos de ferramenta específicos, e a demanda por obsidiana cresceu. Seus atrativos eram inúmeros e compensavam as dificuldades envolvidas em sua aquisição: ela era fácil de lascar, e as bordas eram extraordinariamente afiadas. As pedreiras de obsidiana de Melos, que foram exploradas por cerca de 12 mil anos, atingiram o auge da popularidade no início da Idade do Bronze, quando seria de esperar que ferramentas de metal virassem moda.

Material com direitos autorais

Mas a obsidiana era apreciada justamente por seu baixo valor: no início da Idade do Bronze, os metais eram escassos e a tecnologia para produzir cobre e bronze não estava amplamente disponível e era difícil de ser executada. Mesmo permitindo um aumento da especialização nas aldeias neolíticas, a extração em Melo permaneceu por longo tempo casual e carecia de qualquer sentido comercial. Embora um povoamento tenha se desenvolvido na ilha, em Filacopi, ele emergiu quando a extração de obsidiana já estava muito estabelecida e floresceu no exato momento em que as pedreiras de obsidiana começaram a declinar; os primeiros colonos não eram mercadores de obsidiana, mas pescadores de atum.[10] Melos não oferecia nenhum porto especial: quem estava à procura de obsidiana encontrava uma enseada propícia, puxava a embarcação para a terra firme e ia atrás das pedreiras, onde escavavam pedaços do vidro vulcânico.

III

Para uma evidência surpreendente de projetos de construção maciços da Europa neolítica é necessário olhar para oeste, para os templos e santuários de Malta e Gozo, que são anteriores até mesmo às pirâmides. Os templos malteses foram criados por pessoas que atravessaram o mar e criaram uma cultura isolada com suas próprias mãos. O eminente arqueólogo britânico Colin Renfrew observou que "alguma coisa muito excepcional estava ocorrendo em Malta há mais de 5 mil anos, algo completamente diferente de qualquer outra coisa no mundo mediterrânico e mesmo além"; essa sociedade estava em plena ascensão por volta de 3500 a.C.[11] A velha pressuposição difusionista de que os templos eram, em certa medida, imitações das pirâmides ou zigurates bem a leste é patentemente falsa. Mas, embora não fossem imitações, tampouco se tornaram modelos seguidos por outras culturas dentro do Mediterrâneo. Malta foi fundada em torno de 5700 a.C., por gente da África ou, mais provável, da Sicília, cuja cultura está refletida nas antigas tumbas maltesas escavadas na rocha. Os malteses primitivos chegaram muito bem-preparados: trouxeram consigo trigo *emmer*, cevada e lentilha, e desmataram partes da ilha para criar campos de cultivo, pois o arquipélago tinha uma extensa cobertura arbórea, hoje completamente desaparecida. Eles adquiriram ferramentas nas ilhas vulcânicas em torno da Sicília, empregando obsidiana de Pantelleria e Lípara. A cultura da ilha começou a se desenvolver de maneiras distintas a partir de 4100 a.C. Depois, muito aproximadamente no milênio após 3600, grandes tumbas subterrâneas, ou hipogeus, foram escavadas para sepultamentos coletivos, sugerindo que a comunidade maltesa

tinha um forte sentido de identidade. Obras maciças de construção já estavam sendo empreendidas em Ġgantija, em Gozo, e em Tarxien, na própria Malta. Com fachadas decoradas grandes e côncavas, e de frente para átrios, eram estruturas fechadas, edifícios cobertos por telhados e divididos em corredores, passagens e compartimentos, com preferência por um arranjo em forma de trevo de cômodos semicirculares. O objetivo dos construtores foi erguer templos maciços que pudessem ser vistos de grande distância, assomando no alto das ilhas à medida que a pessoa se aproximasse por mar, como o templo em Ħaġar Qim, no sul de Malta, onde penhascos íngremes despencam no Mediterrâneo.[12]

Os edifícios foram erguidos de modo lento, ao longo do tempo, como as catedrais medievais e com um projeto menos coordenado.[13] Estranhamente, não havia janelas, mas deve ter havido muitos móveis de madeira, e os móveis de pedra, que são os únicos que sobreviveram, são em geral lindamente decorados com motivos entalhados, incluindo espirais. Pois a cultura da Malta pré-histórica compreendia mais do que edifícios monumentais. Os templos continham estátuas maciças, das quais restaram alguns fragmentos, e que segundo se supõe representavam uma Deusa Mãe associada com o nascimento e a fertilidade. Em Tarxien, uma estátua feminina de quase 2 metros de altura era o foco do culto; simplesmente não há nada similar em parte alguma do Mediterrâneo ocidental nessa época. As câmaras em Tarxien conservaram evidência clara de cerimônias sacrificiais. O espaço vazio de um altar em Tarxien continha uma faca de sílex; em torno do altar havia ossos de bois e ovelhas. Conchas foram desenterradas, confirmando que frutos do mar eram uma importante parte da dieta local; e entre os entalhes há desenhos de navios.[14] Toda essa construção e os entalhes foram conseguidos sem o uso de metal, que só chegou a Malta por volta de 2500 a.C.

Tanto cultural como fisicamente, esse era um mundo insular. No período neolítico, a população das ilhas fora estimada em menos de 10 mil habitantes. Contudo sua força de trabalho foi capaz de construir meia dúzia de grandes santuários e muitos outros, menores, sugerindo que as ilhas talvez se dividissem em diversas pequenas províncias. Seria de esperar, portanto, evidência de atividade bélica — pontas de lança, por exemplo. Mas virtualmente nada assim sobreviveu: eram uma comunidade pacífica.[15] Malta e Gozo foram talvez ilhas sagradas que inspiravam respeito entre os povos do Mediterrâneo central, muito ao modo de Delos no mundo grego clássico. O furo em uma laje no templo de Tarxien talvez seja a prova de que o lugar abrigou um oráculo. Porém é notável que tão pouca evidência de visitantes estrangeiros tenha sido encontrada. Se essas eram ilhas sagradas, parte de seu caráter

sacro deve ter consistido de uma regra proibindo a aproximação, a determinação de que fossem habitadas apenas por malteses nativos a serviço da Grande Deusa, representada não apenas nas estátuas e estatuetas esculpidas pelos malteses, mas também no próprio formato dos templos, com seu exterior expansivo e passagens internas uterinas.

O fim dessa cultura é tão surpreendente quanto sua criação. A longa paz terminou perto de meados do século XVI a.C. Não há sinal de declínio na cultura de templos; em vez disso, uma ruptura abrupta, quando invasores chegaram, carecendo das habilidades que haviam criado os grandes monumentos, mas possuindo uma vantagem: armas de bronze. A julgar pelos achados de espirais de argila e tecido carbonizado, havia fiação e tecelagem, feitas por pessoas vindas da Sicília e do sudeste da Itália.[16] Perto do século XIV a.C., elas foram substituídas por outra onda de colonos sicilianos. No entanto, a essa altura, perdera seu caráter distinto: os migrantes e seus descendentes ocuparam os monumentos deixados por pessoas que haviam sumido da face da terra.

IV

Enquanto em Malta nada mudou muito durante várias centenas de anos, a Sicília era mais volátil, como seria de esperar de uma massa de terra grande e acessível com enorme variedade de recursos. Colonizadores foram atraídos para a região pela disponibilidade de obsidiana nas ilhas Líparas; eles trouxeram consigo sua cultura, já pronta, como podemos ver em Stentinello, perto de Siracusa, que floresceu no início do quarto milênio a.C., enquanto os templos malteses ainda estavam em construção. O sítio, cheio de cabanas, tinha um perímetro de cerca de 250 metros, e era cercado por um fosso; dentro, foram encontrados objetos de cerâmica e estatuetas simples de cabeças de animais. Era uma aldeia atarefada, com seus próprios artesãos e dominando as terras interiores e costeiras nas proximidades, de onde devia extrair seu alimento. Os povoamentos dessas pessoas lembram muito os que foram encontrados no sudeste da Itália, de onde seus ancestrais claramente vieram.

Pelo menos 3 mil anos separam a cultura Stentinello mais primitiva da chegada do cobre e do bronze; as mudanças não tiveram lugar rápido, e essas migrações foram intermitentes — até então, não ocorrera nenhuma grande onda migratória que convulsionasse o Mediterrâneo. Mas foi precisamente esse contato vagaroso, osmótico, que criou certos elementos de uma cultura comum. O estilo de vida dos sicilianos neolíticos de Stentinello partilhava muitas características com o de outros

povos neolíticos no Mediterrâneo; isso não significa que todos falavam as mesmas línguas (por não terem escrita, não deixaram vestígio de suas línguas), tampouco que dividissem uma ancestralidade comum. Mas todos participaram das grandes mudanças econômicas e culturais que resultaram na adoção da lavoura, domesticação de animais e manufatura de objetos cerâmicos. Cerâmica grosseira similar, com entalhes, pode ser encontrada em sítios da Síria à Argélia, da Espanha à Anatólia. Nesse mesmo período, Lípara deixou de ser simplesmente um depósito onde obsidiana podia ser colhida à vontade e seu território foi povoado por pessoas de gostos e hábitos similares às de Stentinello. O mar aberto não era uma barreira: os colonizadores seguiram na direção sul, e cerâmica similar à de Stentinello tem sido encontrada em sítios na Tunísia, assim como obsidiana de Pantelleria, entre Sicília e África.[17]

Lípara usufruiu de um padrão de vida particularmente alto como resultado de seu domínio dos suprimentos de obsidiana. Se a sucessão de diferentes estilos de cerâmica indica mudanças na composição da população colonizadora é algo que pode ser debatido de modo incessante. A moda muda sem que as populações tenham mudado, como qualquer observador da Itália moderna pode perceber muito bem. Cerâmicas decoradas com chamas vermelhas, características do sexto milênio a.C., foram sucedidas por outras inteiramente marrons ou pretas, notáveis pela superfície lisa e polida e pela feitura cuidadosa e precisa. Perto do fim do quinto milênio a.C., elas deram lugar a objetos cerâmicos decorados com padrões intrincados, de ziguezague ou espiral, pintados sobre a superfície, muito semelhantes a itens encontrados no interior da Itália meridional e nos Bálcãs. Isso também foi sucedido por novas modas, quando uma cerâmica toda vermelha foi introduzida no início do quarto milênio a.C., anunciando a duradoura "cultura Diana", como ficou conhecida a partir de seu principal sítio arqueológico. O ponto importante é a lentidão da mudança e a estabilidade dessas sociedades insulares.[18]

Marinheiros tiravam vantagem de suas viagens pelo mar Adriático, o mar Jônio ou o canal da Sicília para transportar e oferecer produtos, a maioria perecível — cerâmica e obsidiana são apenas dois que tenderam a sobreviver. Só é possível conjecturar sobre que tipo de barcos esses antigos marinheiros utilizavam. No mar aberto, uma cobertura de pele animal provavelmente fornecia isolamento; as embarcações também não podiam ser muito pequenas, já que eram usadas para transportar não só homens e mulheres, como também animais e potes.[19] Evidência posterior, desenhos grosseiros sobre cerâmica originária das Cíclades, sugere que os barcos eram de calado baixo, tornando-os instáveis em mares encrespados, e que eram

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.